

comunicações que não produzem, moralmente falando, nenhum bem — e que não podem proceder senão de Espíritos superficiais ou malévolos.

A prática nos ensinou que, com prudência e boa vontade, se evitam facilmente êsses escolhos, em que não poucos sossobram, por não darem á mediunnidade a importância devida.

A falta de conveniente respeito, as exageradas pretensões, a curiosidade, o amor próprio e o egoísmo, são causas de se recolherem frequentemente contradições, zombarias e disparates.

E, como tirada a causa, cessa o efeito, as comunicações frívolas e infrutíferas deixam de repetir-se, quando não forem provocadas pela falta da necessária preparação ou por outros motivos facilmente determináveis.

O próprio desdobramento das comunicações, mesmo das que convem evitar, instrue a quem sabe aproveitar-lhes o ensino; pois que, sendo a comunicação, em geral, fiel reflexo das boas ou más disposições do que a dá — de seu maior ou menor gráu de elevação, podem-se tirar dela estímulos ou considerações que sirvam de corretivo.

É preciso estudar, como aconselha o evangelista S. João, se são de Deus os Espíritos que se comunicam ou, o que vale o mesmo, se suas intenções têm o sêlo da moral evangélica — e, caso não seja assim, suspender as comunicações e dispormo-nos dignamente para obtê-las proveitosas.

Quando os Espíritos enganadores vêm que suas insinuações malévolas são conhecidas e repetidas vezes desprezadas, retiram-se e deixam o campo a Espíritos superiores, aos quais atrai o bom desejo dos que buscam, nos ensinamentos espirituais, a verdade e o bem.

IV

*Importância da comunicação espiritual. Decepções.
O que se deve procurar obter das comunicações.*

A comunicação espiritual é um ato de tanta gravidade e transcendência, que nenhum outro, na vida do homem, lhe pôde ser comparável.

Por seu intermédio, alcançamos a verdade psicológica e a felicidade, que se elevam sôbre tudo o mais que possa o homem aspirar.

É o telescópio que põe ao alcance da nossa vista o mundo a que seremos trasladados após a presente peregrinação — e que nos faz conhecer a sorte que nos espera como fruto de nossas obras.

Pela comunicação, a misericórdia do Altíssimo desce o véu que nos ocultava o porvir, nos envia um raio da sua divina luz, e nos alenta e fortalece.

Aquele que considera a comunicação como coisa leviana e sem valor, condena-se á perda dos alicerces de suas mais seguras esperanças.

Não lhe resultam dela nem consolos, nem convicções, nem conselhos úteis, nem acrescentamento de virtudes, nem qualquer coisa que possa contribuir para sua felicidade; pelo contrário, será ela em suas mãos o que é uma arma perigosa nas mãos de uma criança; será uma corrente de ofuscações e um manancial de decepções.

Qual o fim a que devemos propôr-nos pelas comunicações?

Este ponto é essencialíssimo — e recomendamô-lo, com o maior empenho, a quantos se dedicam ao estudo da filosofia espírita.

Talvez não tenha êle sido bastante meditado; ou, se o tem sido, não se tem feito na prática as convenientes aplicações.

Tem-se dado demasiada importância aos fenômenos

físicos — ao fato material da comunicação, em prejuízo da moralidade do ato, que deve ser seu guia e fim.

É por isso que as reuniões espíritas ainda têm, aos olhos da multidão, certo aspecto ou caracter teatral e fantástico, completamente estranho á magestade atraente das doutrinas evangélicas.

Tudo que não seja procurar, pela comunicação, o melhoramento dos costumes, a começar por nós mesmos, é perder e profanar uma graça de inestimável valor, que cessará com o seu mau uso.

Somos discípulos recém-chegados á escola espírita e não alentamos, nem jámais alentaremos, a pretensão de nos arvorar em mestres do seu luminoso ensino.

Somos, porém, discípulos animados de bons desejos, de convicções e de fé, e invocamos êste título afim de se compreender que nossas observações procedem de um bom propósito e se dirigem á remoção dos obstáculos que possam retardar, por mais ou menos tempo, a vitória do Cristianismo.

V

A comunicação é um fato. Como a julgam os despreocupados e a igreja.

Se somos vítimas de uma alucinação — de uma ilusão da esperança — de um desarranjo mental — de um erro com a máscara da verdade!... cem vezes nos tem vindo ao pensamento — e outras tantas têm sido as nossas dúvidas dissipadas pela realidade.

A comunicação espiritual é um fato, dizia-nos a pena que a mão punha em movimento sem o concurso da vontade; a comunicação espiritual é um fato, ajuntava o testemunho de milhares de homens de irrecusável autoridade; a comunicação espiritual é um fato, ajuntavam o Antigo e Novo Testamento.

Podemos suspeitar, sequer, que se tenham posto de acôrdo, para seduzirem-nos e enganarem-nos, o testemunho dos nossos próprios sentidos, a autoridade humana, e as Sagradas Escrituras?

Tão pouco é o que o homem conhece das leis e da natureza dos seres, que a sua marcha pelas vias do progresso se faz lentamente e ás escuras.

Sua ignorância torna-o suspicaz — e fá-lo receoso de dar agasalho ás verdades que não cabem na estreiteza do seu cérebro.

Um fraco raio de luz o céga — e êle nega a luz, até que se habitua com ela, logrando dominá-la.

Vê os astros — e julga que são simples faróis pendentes de uma abóbada sólida e firme!

Ai do primeiro que se atrever a desprendê-los do firmamento e arrancar a Terra do centro do universo!

As verdades porém se impõem, apesar da ignorância dos homens, e chega o tempo em que êles as admiram entusiasticamente, depois de as haver repellido com desprezo.

O que succedeu com as leis cosmológicas, com a electricidade, com o magnetismo, em uma palavra, com cada um dos progressos científicos, succede hoje com o fenómeno da comunicação espiritual.

Desconhecem-se suas leis — e a ignorância opõe-se a reconhecer e autorisar o fenómeno.

Os *despreocupados* riem-se dêle, como se riram de Copérnico e de Galvani os *despreocupados* dos séculos XVI e XVIII.

O que diria o mundo, se êles confessassem a realidade de uma lei, que não podem explicar em sua suficiência, em seu positivismo, em sua ciência *universal*, em sua superioridade sôbre quantos acreditam que muito há a descobrir, e que nem toda a sabedoria poderá tudo alcançar?

Mais cordata, a igreja romana admite o fato da